

Henrique Murachco*

No dia 22 de dezembro de 1999, a FFCL, depois FFLCH, e sobretudo os professores e alunos do curso de Letras perdemos nosso livreiro-amigo, nosso amigo-livreiro, nosso melhor livreiro, nosso melhor amigo, Seu Jaime. Jaime Marcelino Gomes.

Nossa consternação, nossa tristeza, nossa saudade não podem ser resumidas neste espaço da *Revista Língua e Literatura*. O que dizer desse amigo-livreiro o qual esteve sempre presente entre nós desde 1954 lá na Maria Antônia? Apareceu primeiro com uma pasta e, às vezes, com pacotes de livros, em geral portugueses, os quais trazia para professores e alunos de Literatura Portuguesa, Filologia, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira; a seguir, para professores e alunos de Latim, Grego, outras línguas, História e Filosofia, até que a pasta e os pacotes não foram suficientes. Então, o Prof. Erwin Theodor cedeu-lhe um armário velho, lá no 2º andar, para depositar seus livros. Foi assim que Seu Jaime começou a habitar entre nós e não mais nos abandonou e não mais o abandonamos.

Em 1968, expulso conosco da Maria Antônia, veio para o prédio da História; em 1969, foi conosco para os famosos barracos, denominados de Favelusp; em 1973, para as Col-

(*) Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP.

méias, e em 1984, para o novo Prédio de Letras, só saindo daqui para onde Deus o chamou.

Sempre com o mesmo jeito de trabalhar: atencioso, afável, cordato, eficiente e generoso. Anotava tudo em seus enormes cadernos, numa desordem que só ele conhecia. Lembra-se de todos os pedidos. Muitas vezes, meses depois, ele achava o livro pedido, e sabia quem o pedira. Todos os livros tinham o preço marcado, na última página. E uma vez marcado, Seu Jaime não o apagava mais. Mesmo nos anos de inflação galopante. Só Deus sabe como Seu Jaime conseguiu sobreviver e prosperar. E seus 10% de desconto eram sagrados. Não abria mão deles, mesmo em dívidas antigas. Às vezes, fazia lista dos devedores... mas não os cobrava!

Generosidade, Bondade e Pudor!

Tivemos o privilégio de conviver com seu Jaime nesses 45 anos; de dar-lhe carona até 1974 duas a três vezes por semana, quando habitávamos no mesmo bairro. E, quando não podíamos, outros professores competiam para levar Seu Jaime: Prof. Sallum, Prof. Khedi, Prof. Erasmo e outros mais. Mas, em nenhum momento, Seu Jaime pensou em pedir. Sua humildade era tanta que considerava um favor excepcional ser procurado e convidado por professores. Dizia sempre: “eu não mereço tanto, eu não mereço tanto”. Merecia muito mais. Nós todos, Seu Jaime, professores e estudantes, nesses 45 anos, continuamos a lhe dever muito. Esses agradecimentos que lhe continuamos a fazer todos os dias e a suave lembrança dessa figura excepcional de ser humano ficarão gravados na placa de metal, colocada no lugar que o senhor iluminou durante tanto tempo.

Muito obrigado, Seu Jaime.